

Era uma vez uma menina muito bonita.

Uma prática pedagógica relacionada com a questão racial em uma turma de alfabetização.

Luciane Andréia Ribeiro Leite

Trabalhar sobre a discriminação racial nas Séries Iniciais é ao mesmo tempo um tema indispensável e complexo. Indispensável porque é neste momento que a criança está em formação física, cognitiva e moral, sendo assim, a intervenção pedagógica poderá contribuir para que ela venha conviver nesta sociedade, de múltiplas configurações étnicas, religiosas, culturais, compreendendo essas diferenças e como são produzidas na sociedade. Complexo, pois envolve não somente os preconceitos dos alunos/as, mas também dos próprios professores. Em função disso muitas vezes este tema ou é tratado de forma superficial, enfatizando só o sentimento de consideração por ter o negro contribuído para a construção da 'nação brasileira', ou é simplesmente ignorado.

Durante a realização de meu estágio curricular, pelo Curso de Pedagogia, no Colégio de Aplicação da UFRGS, passei por uma experiência que me ajudou a compreender a necessidade de se problematizar a questão da discriminação racial ainda nas Séries Iniciais.

A turma na qual realizei minha prática era uma primeira série, uma turma de alfabetização. Esta turma era composta por 28 alunos sendo 16 meninas e 12 meninos. Destas 28 crianças 3 eram notadamente negras e 2 eram descendentes afro-brasileiras.

Como o critério de admissão no Colégio de Aplicação é o sorteio público, a formação de grupos heterogêneos, em diferentes aspectos (cultural, étnico, social, econômico, constituição familiar) é uma constante. Isto possibilita um ambiente rico para trocas, dadas as variadas vivências que diariamente fazem parte deste cenário, mas em alguns momentos é também um espaço propício para disputa e exclusão.

Neste artigo descrevo esta experiência e analiso, a partir de algumas leituras realizadas, as sutis manifestações de preconceito em relação às crianças negras, em um grupo em início de escolarização, ou seja, crianças de 6 anos e meio à 7 anos.

Não há lugares...

Ao realizar a hora do jogo com meus alunos/as um fato começou a chamar minha atenção. Percebi que os grupos que se constituíam apresentavam sempre a mesma formação e outras crianças, ainda que desejassem, não conseguiam entrar para brincar. Observei que estas crianças que, freqüentemente, não encontravam lugares nos grupos eram negras. Perguntei-me se estaria ocorrendo, nesta turma de 1ª série, discriminação racial. Num primeiro momento descartei esta hipótese por convicções próprias. Afinal de contas crianças pequenas não poderiam ser ‘racistas’ na minha opinião.

Mesmo descartando, neste primeiro momento, a possibilidade de preconceito com as crianças negras, passei a observar com mais atenção o que estava ocorrendo. Constatei que além da situação na formação dos grupos se manter, em outros momentos também havia resistência, por parte de alguns, em trabalhar, sentar próximo ou dar a mão para os colegas negros em algumas atividade realizadas. Decidi então registrar o que ocorria, inclusive as falas, para posteriormente fazer uma análise.

Novamente em um dia de Hora do jogo ouvi um diálogo entre as crianças que me chamou a atenção. Duas crianças brancas estavam sentadas no chão e aguardavam a chegada de uma terceira colega, também branca, que estava copiando o tema e, portanto, não podia ainda participar da Hora do Jogo. Um colega negro se aproximou e pediu para jogar. Afinal de contas o jogo permitia um número maior de participantes. No entanto a colega que estava sentada no chão disse que não tinha mais lugar para ninguém jogar e que elas estavam aguardando sua amiga terminar de copiar o tema:

- *Ah agora não dá mais, a gente tá esperando a N. que já vai vim jogar! (G. aluna)*
- *Depois tu joga! (F. aluna)*
- *Vem N. Vem depressa! (G. aluna)*

Outro fato que pude anotar foi a de um conflito ocasionado pela insistência de uma destas crianças negras para brincar em outro grupo e perguntou por que não poderia jogar e a resposta foi:

- *Eu não gosto de ti. Tu não vai brincar. (V. aluno branco)*

Durante um deslocamento que fazíamos pela escola, para a realização de uma atividade fora de sala de aula, pedi que se organizassem em uma fila que poderia ser

meninos e meninas ou misturados e depois solicitei que dessem as mãos. Então ouvi a frase:

- *Eu não quero dar a mão pra ele! (J.aluno-branco)*

Ao olhar para ver de quem J. estava falando novamente se tratava de um colega negro.

As perguntas não paravam de surgir em minha cabeça: Seria pura afinidade entre algumas crianças? Qual o critério que determinava a escolha ou não de um integrante no grupo na hora do jogo? Estaria acontecendo algum tipo de discriminação nesta turma de 1ª série? Estariam os colegas, que estiveram envolvidos em situações de indisciplina sendo evitados pelos demais, nestes momentos de atividades livres?

De certeza só tinha que não poderia ser ignorado o que estava ocorrendo e, apesar de meus temores de estagiária, decidi realizar atividades que oportunizassem problematizar este tema.

A história de uma menina 'diferente':

Como minha turma gostava muito de histórias decidi utilizar a literatura infantil como mote para investigar as idéias que as crianças possuíam a cerca das diferenças étnicas. A história escolhida foi "Menina bonita do laço de fita" escrita por Maria Machado da Editora Ática.

A atividade transcorreu da seguinte forma. Levei o livro dentro de uma caixa "surpresa". Realizei um trabalho de motivação prévia perguntando a eles o que achavam que havia ali dentro. Eles responderem várias coisas, entre elas que havia um livro. Sem mostrar o livro fiz uma 'propaganda' dizendo que se tratava de uma história muito legal chamada "Menina Bonita do Laço de Fita". Perguntei quem já havia lido ou ouvido a história, apenas uma menina levantou a mão. Pedi a ela que não contasse nada para os colegas para não estragar a surpresa e ela aceitou o acordo. Continuei a atividade escrevendo o título no quadro e entreguei uma folha para eles desenharem como imaginavam que era a menina da história. Recolhi os trabalhos e percebi que entre as crianças foi quase unânime a idéia que a menina era de cor branca, loura e de olhos claros. Apenas a menina que já conhecia a história desenhou uma menina negra.

Após recolher os desenhos mostrei o livro e fiquei espantada com a reação e as falas de várias crianças:

- *Ela é preta! (J. aluno branco)*
- *Ela é feia! (V. aluno branco)*
- *Credo como ela é horrorosa! (K. aluna negra)*
- *Ai professora! Eu não achei ela bonita! (G. aluna branca)*

Questionei por que não haviam gostado da menina e as respostas foram às mesmas.

- *Porque ela é preta! (J. aluno branco)*
- *E por ser negra não é bonita? (professora)*
- *Não! (V.aluno branco)*
- *Até que ela é bonitinha né! (F. aluna branca)*
- *Eu não quero ouvir esta história! (P. e C. alunos brancos)*
- *Vocês não querem mais ouvir a história? (professora)*
- *Pode contar professora. Pode contar! (T. aluna negra)*

Apesar de estar um pouco surpresa com aquelas colocações tão incisivas, comecei a contar a história. Algumas crianças ainda falavam coisas desagradáveis (piadinhas) em relação à cor da personagem da história. Mesmo assim continuei, e, em alguns minutos todos estavam atentos ouvindo. Encerrada a hora do conto, coloquei os materiais (álbum seriado e livro) à disposição deles para manusearem, se quisessem. Enquanto as crianças brincavam com os materiais da história decidi não iniciar o debate sobre as questões mais ‘polêmicas’ que haviam me motivado a realizar esta atividade. Primeiro porque já estava cansada e o grupo também, havíamos utilizado um longo tempo nas explorações anteriormente descritas. Segundo, não queria expor mais as crianças negras da turma.

Nós dias que se seguiram fiz algumas explorações da história enfocando a leitura e a escrita. Após alguns dias retomei o debate sobre a história. Primeiramente pedi que eles recontassem a história a partir das ilustrações do álbum seriado. Todos participaram e recontaram a história com riqueza de detalhes. Encerrada a recontagem perguntei o que eles haviam achado da história. E eis algumas colocações:

- *Ela é feia! (J. aluno branco)*
- *Por que? (professora)*
- *Porque ela é preta! (V. aluno branco)*
- *As pessoas negras são feias? (professora)*
- *Eu acho que as pessoas pretas podem ser bonitas. (F. aluna branca)*

- *Algumas pessoas pretas são bonitas e outras são feias que nem os brancos.*(A. aluno branco)
- *Essa história é de criança!* (T. aluna negra)
- *Não tem nada a ver com a gente essa história!* (K. aluna negra)
- *Tem sim, sabe porque, se tu é branquinha e eu pretinha tu não pode dizer assim: - OI PRETA! Isso é feio!* (G. aluna branca)
- *Sabe professora, antes dos anos setenta os negros eram escravos dos brancos...Os brancos batiam nos pretos...Ninguém quer ser preto porque preto sofre. Todo mundo quer ser branco porque branco não sofre.* (K. aluna negra)
- *Como assim branco não sofre?* (professora)
- *Sofre sim. Jesus sofreu e ele era branco!* (J. aluno branco)
- *É, e foram os brancos que mataram ele.* (B. aluna)
- *Eu não gostei de ver o coelho branco casar com a coelha preta...*(M. aluna)
- *Por quê?* (professora)
- *Não sei não gostei.* (M. aluna)

Muitas foram às falas que se seguiram, expressando a inconformidade de muitas crianças com a admiração que o coelho branco demonstrava pela menina negra. Outras crianças se sentiram mais à vontade e colocaram que eram, ou tinham, na família esta ‘mistura de cores’. Para dar continuidade ao trabalho, resolvi mudar o encaminhamento e solicitei que desenhassem e escrevessem como deveria, na opinião deles, ser a aparência de uma pessoa para que eles considerassem bonita. Meu objetivo era de tentar compreender qual o conceito de beleza que circulava entre meus alunos.

O resultado desta segunda atividade não foi diferente em relação à anterior. Novamente prevaleceu a preferência por uma pessoa branca, loura, de olhos claros.

No entanto, duas produções indicaram que algumas desconfortos foram possíveis, pelo menos em duas crianças. J (aluno branco), um dos alunos mais incisivos em colocações depreciativas sobre os negros, trouxe sua produção para eu olhasse. Percebi que ele usou a expressão ‘cor de pele’ para designar a cor de pele ideal. Ao ler esta expressão perguntei a ele:

- *Que cor de pele a pessoa deve ter?* (professora)
- *Cor de pele!* (J. aluno)

- Mas “cor de pele” existem várias. Olhe a minha cor de pele olha a tua. Observa a cor de teus colegas. (professora)

Ele saiu muito intrigado parou, voltou para a minha mesa e disse:

- *Eu não tinha pensado nisso antes!*

Retornou a sua classe para pensar sobre o que havia escrito e dentro de poucos minutos voltou e disse:

- *Professora me ajuda, eu não tô mais achando a minha cor no giz de cera! ...Eu acho que sou meio bege!*

A outra produção foi da aluna K. (menina negra) que desenhou uma escrava e seu filho em uma cruz sendo vendidos e também escravas trabalhando na cozinha do Senhor realizando suas tarefas. Sua pessoa bonita era uma menina negra. Por que isto me chamou atenção? Primeiro porque K. foi a criança negra da turma que mais insultou a menina negra da história e disse que ela era muito feia. Segundo porque K. conseguiu ao longo do debate expressar, o que na minha leitura, pela que conhecia dela não era uma indignação com a menina negra, mas sim com o lugar que o negro ocupa nessa sociedade, ou seja, de desvantagem: *‘Todo mundo quer ser branco porque branco não sofre.’*

Qual o resultado deste trabalho...

Como coloquei anteriormente, num primeiro momento, tentei evitar trabalhar sobre o tema da discriminação racial por convicções próprias. Com o passar dos dias percebi que minhas convicções se desfizeram e que havia necessidade de um trabalho sobre em relação ao que tinha identificado, mas o medo da repercussão que este tipo de debate poderia ocasionar em uma turma de 1ª série me deixava insegura. Como as famílias reagiriam? E meus colegas? Eu era apenas uma estagiária e tinha alguns receios de estagiária. No entanto o Colégio de Aplicação é um espaço muito especial onde encontramos abertura para experimentar, para pesquisar, e, isto foi fundamental para minha decisão em realizar esse trabalho. Trabalho que não parou com a história da Menina Bonita do Laço de Fita e nem somente na questão racial, mas devido aos desdobramentos, nos acompanhou até o final do ano letivo enfocando diferentes assuntos relacionados a esses temas conflitantes.

Os dados coletados e as declarações das crianças durante o debate me indicaram que estava ocorrendo sim, entre meus alunos de 1ª série, atitudes discriminatórias em relação

aos colegas negros. Indicaram também que possuíam um conceito de beleza muito próximo, e porque não dizer idêntico ao encontrado na maioria dos livros de histórias infantis (contos de fada), nos modelos televisivos, em brinquedos (bonecas) e em discursos que freqüentemente ouvimos, ou seja, beleza é sinônimo de branquidade acompanhada preferencialmente de olhos claros e cabelos lisos.

Esta relação beleza e branquidade parece ser algo natural, mas não é tão natural assim. Segundo Santos (Santos, 1997) esta naturalização é o resultado de um longo trabalho discursivo que constituem 'a branquidade como natural' (ibid., p.100). Embora ocorram alguns movimentos que visam a valorização da cultura e da identidade negra 'a branquidade ainda é definida como parâmetro, como o naturalmente natural...' (Ibid., p.96). Para Silva (2000) as identidades não são somente avaliadas a partir deste parâmetro da branquidade, mas também hierarquizadas recebendo diferentes valores.

A escola é apenas uma das esferas nas quais crianças, como meus alunos/as, são 'educados'. A família, a televisão, os filmes, os livros, os grupos sociais e os discursos também educam. (Em certos momentos, penso que são até mais eficazes que a própria escola.). Com isso não é de se estranhar que durante o debate meus alunos/as expressaram seu incomodo com o fato da história ter, como personagem principal, uma menina negra, e, que esta era considerada bonita. Apesar de ainda não dominarem a leitura e a escrita formal, esses/as alunos/as em início de escolarização já conseguiam fazer 'leituras' sobre os aspectos culturais, sobre o que é considerado 'normal', e o que se desvia disso. Reconheciam os grupos e seus lugares na sociedade, e se 'identificavam' com determinadas identidades ou não.

A maneira como a maioria dos meus alunos/as resistiram, e/ou não conseguiam entender/aceitar que a menina podia ser bonita sendo negra e as sucessivas colocações depreciativas em relação aos negros expuseram algo que mesmo sabendo que acontece, preferia não ver. Falar em racismo muitas vezes me evocava a idéia que se poderia 'despertar' estes sentimentos indesejáveis nas crianças, ou ainda cair no extremismo da questão legal como se a lei (apesar da sua importância) pudesse coagir estas manifestações e resolver o problema.

Depois desta experiência percebi que a escola é um espaço privilegiado para debates sobre como se produzem essas identidades, as diferenças que se instauram a partir

delas¹ e as relações de poder que permeiam este processo. O trabalho com a história permitiu a leitura de que nossas crianças possuem ‘preconceitos’ por estarem interagindo com todas essas esferas educativas e expostas aos discursos que diariamente as formam e ditam os parâmetros da normalidade, da beleza, do correto.

Por mais que esteja presente em eventos como Encontros, Seminários e até medidas políticas, ainda se encontra um vazio sobre práticas em sala de aula que possibilitem a instauração de debates concernente a condição do negro na sociedade atual.

Santomé (1995), escrevendo sobre o currículo e as instituições escolares crítica a visível carência de experiências e reflexões para uma educação anti-racista nas salas de aula. Segundo ele a ‘análise profunda dos porquês da opressão e da marginalidade, em outra palavra, do racismo nunca deve ser evitada’(ibid.p.170). E defende uma mudança curricular através de práticas alternativas que permitam ‘um questionamento das injustiças atuais e das relações sociais de desigualdade e submissão’ (Ibid., p. 175).

Por mais que se tente ignorar, estas desigualdades existem e não são apenas os dados de pesquisas que demonstram. A fala da aluna K. quando diz que ‘todo mundo quer ser branco porque branco não sofre’ comprova que apesar da pouca idade que possui já compreende esta situação de desigualdade enfrentada pelos negros na sociedade porque ela mesma enfrentou isto no convívio com seus colegas. Além da fala desta aluna outro dado interessante é que entre meus cinco alunos/as negros/as e/ou afro descendentes estavam as crianças que pertenciam ao grupo social mais desfavorecido, que mais se envolveram em problemas disciplinares e que freqüentavam o Laboratório de Ensino para poder superar dificuldades na aprendizagem. Apenas uma menina negra não freqüentava o Laboratório de Ensino sendo assim os/as alunos/as negros/as e/ou afro descendentes venciam em proporcionalidade os alunos/as branco/as que o freqüentavam. Acredito que estas são apenas algumas das visibilidades destas desigualdades sociais. Sem falar, é claro que alguns dos problemas de aprendizagem estavam associados a fatores sociais e não cognitivos.

Ao começar a planejar sobre como trabalharia este tema me deparei com a necessidade de discutir não somente as ‘idéias’ que as crianças possuíam sobre o assunto,

¹ Silva (2000) coloca que identidade e diferença são inseparáveis, e que estas são produzidas culturalmente e socialmente.

mas também as minhas idéias, as minhas opiniões, os meus valores. Todos nós alunos/as, professores/as entramos diariamente em sala de aula com nossas maneiras, valores, conceitos. E ao colocarmos isso para uma apreciação é difícil admitir que existam também preconceitos em nós.

Segundo o resultado de um questionário, realizado pela professora Lilia Schwarcz no ano de 1988 para estudos relacionados à questão racial, perguntou-se aos entrevistados se eram preconceituosos ou conheciam pessoas que eram. O resultado foi que 97% responderam não ter preconceito, mas destes 98% admitiram conhecer alguém que possuía preconceito e que estas pessoas eram próximas (parentes, namorados/as, amigos). Em um outro questionário foi perguntado a pessoas negras se já haviam sofrido algum tipo de preconceito e o resultado foi o mesmo, a maioria dos entrevistados negou ter sofrido algum tipo de discriminação, mas afirmou conhecer casos de pessoas negras que sofreram discriminação (Schwarcz, 1996). As respostas dos questionários mostram um dado interessante: a maioria das pessoas respondeu não ter preconceito, mas conhecer alguém que tem. Já as pessoas negras responderam, em sua maioria, não terem sofrido preconceito, mas conhecem pessoas negras que passaram por situações de discriminação. Afinal, quem são os preconceituosos? E onde estão os discriminados? Em ambos os questionários eles estão em um outro lugar, ou seja, no outro. Na análise da professora Lilia estes dados demonstram uma particularidade do preconceito encontrado no Brasil chamado por Florestan Fernandes o 'preconceito de ter preconceito' (1972 apud Schwarcz, 1996, p. 156).

Na fala da aluna G. (*'...se tu é branquinha e eu pretinha tu não pode dizer assim: - OI PRETA! Isso é feio!*) há um cuidado para não agredir, para não ser racista: é feio chamar os outros de preto. Os termos que utiliza para expressar sua opinião são no diminutivo como 'pretinha e branquinha', no entanto, na Hora do Jogo, G. evitava que colegas negros entrassem na brincadeira.

Esta aparente cordialidade, segundo a professora Lilia, é um outro aspecto presente no racismo brasileiro: a 'cordialidade'. Cordialidade que embora tenha o invólucro de uma certa amabilidade é tão prejudicial como qualquer outro racismo (se é que existem estas classificações com as mesmas conseqüências indesejadas, pois uma vez que é negado o racismo, parece não existir estagnando as problematizações sobre as desigualdades e

reforçando a situação de desvantagem dos negros em relação aos brancos, como coloca Lilia.

“Trata-se também de um ‘racismo cordial’ na feliz expressão encontrada pela Folha de São Paulo, que, para fora, se mostra muito amável, mas na prática, reproduz hierarquias cristalizadas e intocadas”. (ibid. p. 156)

Até aqui mencionei, o que pude apreender da questão racial, em relação aos meus/minhas alunos/as e a mim como educadora. Mas e as famílias? As famílias foram envolvidas ao trabalho no envio de informações sobre as origens dos alunos e pelas entrevistas. Nestas entrevistas muitos pais demonstraram um certo incomodo quando perguntávamos sobre as possíveis causas de seus filhos terem atitudes discriminatórias com seus colegas negros. Em alguns casos reagiam com nervosismo ofendendo-se com a possível menção de que seus filhos fossem racistas. Respondiam que na família nunca haviam tratado alguém desta forma. Não sei se por coincidência, mas dois alunos um antes do término do ano letivo e o outro ao final foram transferidos para outra escola. Estes alunos eram os que mais usavam termos pejorativos em relação aos negros e pertenciam às famílias que mais resistiam em acreditar que fosse possível isto ter acontecido. Mais uma vez a dificuldade em aceitar a existência de sentimentos racistas ficou visível.

Algumas compreensões...

Não é minha intenção apresentar respostas ao concluir estas leituras que fiz das anotações de minha prática docente. Os resultados obtidos foram algumas compreensões sobre as manifestações das discriminações étnicas entre crianças em início de escolarização e como problematizar.

Assim como o aluno J., que declarou que não havia pensado nisso antes, confesso que também não havia dedicado muito tempo, durante minha formação como professora, para pensar sobre isso. No entanto, não consigo, neste momento, pensar em outra forma de tratar sobre a discriminação racial que não seja provocando esta *desacomodação* sobre as representações que possuímos sobre os negros e outros grupos considerados minorias. Que não seja a abertura para que em nossa sala de aula essas culturas possam ter visibilidade

dizer suas verdades e ouvir outras (Corazza, 1998): “ *Múltiplas histórias, experiências e culturas devem ter espaço para ali dizer suas verdades, que se cruzam, e cruzam as fronteiras...*’

Bibliografia

- Corazza, Sandra Mara. *Temas culturais um modo de luta curricular*. Palestra no 7º seminário Municipal de Panambi -RS. 1998.
- Schwarcz, L.M. *Questão Racial no Brasil*. In *Negras Imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. Schwarcz, L.M . Reis.L.V. de S.(orgs.) São Paulo, Edusp, 1996.
- Santomé, J. T. *As culturas negadas e silenciadas no currículo*. In *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais na Educação*. Silva,T.T. da (org.) Petrópolis, Vozes,1995.
- Santos, L. H. S. dos. “*Um preto mais clarinho...*” ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação e Realidade*. Porto Alegre. Nº 22 (2), p. 81-115,Jul/Dez 1997.
- Silva, T. T. da. *A produção social da identidade e da diferença*. In *Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.